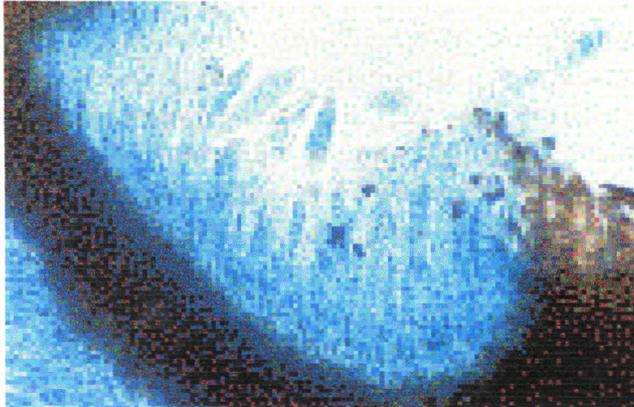


Foto: Jurema do Socorro A. Dias



Ocorrência de Lixa Pequena (*Phyllachora torrendiella*) em coqueiros (*Cocus nucifera*) no Estado do Amapá

Jurema do Socorro Azevedo Dias¹
Gilberto Yokomizo²
Imara Castelo dos Santos³
Lana Patrícia Santos de Oliveira³
Gizelle Dias de Souza³

Introdução

De acordo com Mariano (1997), a lixa pequena (*Phyllachora torrendiella*) é uma importante doença da cultura do coqueiro que existe somente no Brasil, onde foi assinalada pela primeira vez em Pernambuco, em 1945. A doença ocorre de forma generalizada desde o Estado do Pará até o Rio de Janeiro, sendo que em Pernambuco, Pará, Alagoas e Bahia é considerada a doença mais importante. Todas as variedades e híbridos de coqueiro cultivados são suscetíveis em diferentes graus.

A doença causa seca e queda das folhas inferiores, impossibilitando a sustentação dos frutos e reduzindo a produção, e tem seus danos potencializados quando associada à queima-das-folhas, causada pelo fungo *Botryosphaeria cocogena* (*Lasiodiplodia theobromae*). No Amapá, a doença tem alcançado importância, principalmente no período chuvoso, em virtude de sua incidência aumentar consideravelmente, prejudicando a cultura. Dentre os municípios do estado, Porto Grande é o que tem apresentado maior incidência da doença em suas plantações.

¹Eng. Agr., M.Sc. Pesquisador da Embrapa Amapá, Rodovia Juscelino Kubitschek, km 05, CEP-68.903-000, Macapá – AP, jurema@cpafap.embrapa.br

²Eng. Agr., Dr., Pesquisador da Embrapa Amapá, E-mail: gilberto@cpafap.embrapa.br

³Acadêmicas do Curso de Ciências Biológicas, bolsistas da Embrapa Amapá/UNIFAP/FUNDAP

Agente causal

O agente causal da doença é o fungo ascomiceto *Phyllachora torrendiella* (= *Catacauma torrendiella* Batista e *Sphaerodothis torrendiella* (Batista) Bezerra), tido como parasita obrigatório. Para a caracterização deste fungo, folhas com sintomas da doença coletadas em área de agricultor na Colônia Agrícola do Matapi, no município de Porto Grande/AP, foram levadas ao Laboratório de Fitopatologia da Embrapa Amapá, para posterior análise (Figuras 1 e 2).

Inicialmente este material foi prensado para preparo de exsicatas e posterior comparação com literatura especializada. Cortes à mão livre, foram realizados colocando-se uma pequena seção do tecido da planta com estromas do fungo em um pedaço de cortiça. Utilizando-se de uma lâmina, efetuaram-se cortes no sentido transversal da cortiça com o tecido da planta em seu interior. Finas camadas dos tecidos lesionados, foram posteriormente transferidas para uma lâmina com corante, por meio de uma pinça, depositando-se sobre elas uma lamínula.

Após o preparo do material, as estruturas do fungo foram verificadas sob microscópio óptico e sendo registradas através de fotomicrografias, no Laboratório de Histopatologia do Centro de Energia Nuclear na Agricultura – CENA, no município de Piracicaba, Estado de São Paulo.

As estruturas do fungo, foram medidas utilizando-se um micrômetro acoplado ao microscópio óptico e comparadas com literaturas especializadas (Warwick, D. et al., 1998; Menezes & Hanlin, 1996; Mariano, 1997).

O fungo foi caracterizado como *Phyllachora torrendiella* (= *Catacauma torrendiella* Batista e *Sphaerodothis torrendiella* (Batista) Bezerra), por apresentar ascos cilindro-clavados, octósporos, unitunicados, pedicelados, medindo de 75 a 115 μm de comprimento por 17,5 a 27,5 μm de largura. Entre os ascos foram observadas paráfises filamentosas, as quais são utilizadas para facilitar a disseminação dos ascósporos. Os ascósporos observados foram do tipo fusiformes, hialinos, unicelulares, medindo de 15 μm a 22,5 μm de comprimento por 7,5 μm a 10 μm de largura (Figura na primeira página).

Sintomas

Verificou-se que a doença no campo, caracterizada-se por apresentar pequenos pontos negros, os estromas, também conhecidos como verrugas, os quais podem apresentar-se dispersos por todo o folíolo, isolados ou na forma de um losango, de acordo com a descrição realizada por (Renard, 1982; citado por Warwick, D. et al., 1998). Com a evolução da doença os folíolos secam progressivamente, culminando com a seca total da folha.

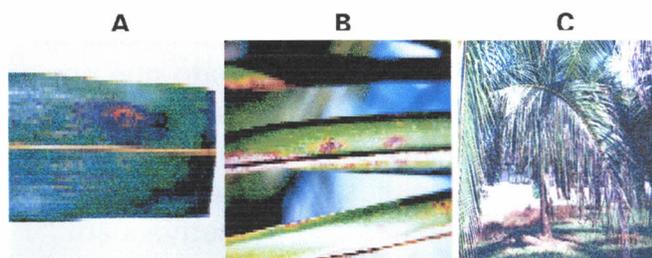


Figura 2. Sintomas da Lixa Pequena: **A.** Estromas em forma de losango na folha ; **B.** estromas dispersos na folha **C.** folha em estágio evolutivo de ressecamento. (Fotos: Jurema A Dias).

Disseminação

Os ascósporos são as unidades infectivas. Não se conhece a forma de penetração do fungo na planta, mas seu período de incubação dura, provavelmente, de 3 a 4

meses. O patógeno sobrevive na planta em folhas infectadas, mas ainda vivas, ou nas recentemente cortadas, mas ainda verdes, sendo liberado em condições de alta umidade relativa do ar e temperaturas amenas. A disseminação dá-se através do vento (Mariano, 1997). No Amapá, as condições de alta precipitação pluviométrica do período chuvoso favorecem a liberação e a disseminação dos esporos do fungo e como conseqüência, mesmo na época seca, ainda observa-se os sintomas da doença no campo.

Controle

De acordo com Mariano (1997) existem três tipos de controle para a Lixa Pequena do coqueiro: cultural, químico e biológico, sendo importante assinalar que este último (o biocontrole) tem despertado interesse, mas precisa ser mais estudado. Deve-se frisar, que apenas o controle cultural, através da poda das folhas atacadas pela doença, tem sido recomendado até hoje, no Amapá. Verificou-se porém, que o grau de inóculo existente na área de produção dos coqueiros foi bastante reduzido, resultando em melhorias nas condições do plantio.

Controle cultural

O corte e a queima das folhas muito infectadas reduzem a quantidade de inóculo. Ainda com vistas à essa redução deve-se fazer, quando possível, o corte

parcial das folhas infectadas. Também são recomendados a roçagem, o coroamento e a calagem do solo, bem como a adubação e o plantio de leguminosas entre os coqueiros para permitir a fixação de nitrogênio.

Controle químico

O controle químico pode ser feito, preventivamente, com a utilização da mistura benomyl + PCNB (0,1% + 0,1% p.a) ou benomyl + carbendazim (0,1% + 0,1% p.a), ambas eficientes tanto em coqueiros jovens quanto adultos.

Referência Bibliográfica

HANLIN, R. T.; MENEZES, M. **Gêneros ilustrados de ascomicetos**. Recife: Imprensa da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1996. 272p.: il.

MARIANO, R.L.R. **Doenças do Coqueiro**. In: KIMATI, H. et al. Manual de Fitopatologia: doenças das plantas cultivadas, 3 ed., São Paulo: Agronômica Ceres, p.301-302, 1997. 2v.: il.

WARWICK, D. R. N.; LEAL, E. C.; RAM, C. **Doenças do Coqueiro**. In: FERREIRA, J. M. S.; WARWICK, D. R. N.; SIQUEIRA, L. A. **A cultura do coqueiro no Brasil**. 2 ed. ver. E ampl. – Brasília: Embrapa-SPI; Aracaju: Embrapa-CPATC, 1997. 292p.: il.

Comunicado Técnico, 78

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:

Embrapa Amapá

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, km 05, CEP-68.903-000, Caixa Postal 10, CEP-68.906-970, Macapá, AP

Fone: (96) 241-1551

Fax: (96) 241-1480

E-mail: sac@cpafap.embrapa.br

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
PECUÁRIA E ABASTECIMENTO



1ª Edição

1ª Impressão 2002: tiragem 350/ exemplares

Comitê de Publicações

Presidente: Nagib Jorge Melém Júnior

Secretária: Solange Maria de Oliveira Chaves Moura

Normalização: Maria Goretti Gurgel Praxedes

Membros: Edyr Marinho Batista, Gilberto Ken-Iti Yokomizo, Raimundo Pinheiro Lopes Filho, Silas Mochiutti, Valéria Saldanha Bezerra.

Expediente

Supervisor Editorial: Nagib Jorge Melém Júnior

Revisão de texto: Elisabete da Silva Ramos

Editoração Eletrônica: Otto Castro Filho